

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, resistência e diferenciação social [recurso eletrônico] /
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta
Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-203-6

DOI 10.22533/at.ed.036192803

1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha da sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de

novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

No artigo *A comunidade dos Arturos: existir, resistir, sobrevir*, as autoras, Elenice Martins Barros Castro e Edilene Dias Matos buscam difundir-las, através de festas, ritos e outras manifestações. Nos momentos festivos, sua história é contada por cantos, danças, ritmos dos tambores e dos rituais, que transmitem um legado secular. No artigo **A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ**, a autora Francisca Thamires Lima de Sousa, busca identificar e analisar as principais implicações socioculturais ocasionadas aos quilombolas que residem na agrovila de Marudá desde a implantação do Centro de Lançamento e as principais transformações espaciais. No artigo **ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO**, a autora ÉLIDA LIMA pretende instigar brevemente a crítica de algumas formas pelas quais efeitos teóricos e afetos cotidianos da branquitude têm suscitado enfrentamentos e transformações no movimento de mulheres brasileiras nos últimos anos, em especial na experiência feminista interseccional. No artigo **AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL**, os autores Liliane da Silva Santos e Diogo Francisco Cruz Monteiro examinam documentos sobre os direitos garantidos aos índios na Constituição de 1988 e averiguar as posições dos juristas sobre a PEC 215 e a tese do marco temporal. Realizamos revisão de literatura, análises de legislações indigenistas, das decisões tomadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre as demarcações de terras indígenas. No artigo **BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA**: contribuições para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, o autor Valcir Bispo Santos busca apresentar alguns elementos que possam contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, maior cidade da Amazônia Oriental brasileira. A ideia básica é que a elaboração deste plano pode se sustentar em três (3) diretrizes fundamentais: Participação Social, Criatividade e Diversidade Cultural. No artigo **CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS**, os autores Aurionelia Reis Baldez Joice de Oliveira Faria identificar como vem sendo pensada a salvaguarda das culturas populares através do corpo que dança, apontando limiares entre espetacularização nas rodas da cultura e a realidade vivida nas estruturas de poder capitalista. Guiaremos nossa cartografia poética tendo o samba de roda como principal fonte de observação para pensar corpos privados e corpos políticos. A partir das reflexões feitas por Stuart Hall (2013). No artigo **CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS**, os autores, Juliano Batista dos Santos, Jordan Antonio de Souza, José Serafim Bertoloto buscam realizar uma análise teórico-reflexiva sobre a forma como a Antropologia, a Semiótica da Cultura e os Estudos Culturais abordam, estudam e interpretam a cultura. O propósito, todavia, não está reduzido ao entendimento da identidade de cada uma dessas ciências. **DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA** os

autores João Luiz Pereira Domingues, Leandro de Paula Santos, Mariana de Oliveira Silva buscam diagnosticar variações narrativas que forjam novos parâmetros de legitimidade para o tratamento da cultura em nível federal em um processo que se organiza sob dois atos discursivos, nomeados ato fóbico e ato mágico pós-político. No artigo **DO EXCESSO DE IMAGENS AO ESVAZIAMENTO DA MENTE**, a autora Sophia Mídián Bagues dos Santos busca aproximar a teoria semiótica de Peirce da filosofia budista tibetana, partindo da compreensão da contemporaneidade como um fabuloso sistema de signos que nos aprisiona ao Samsara, conceito oriental que pode ser entendido, em última instância, como a civilização da imagem. No artigo **MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR**, o autor Miguel Bonumá Brunet analisa três concepções sobre o conceito de cultura popular, visando a compreendê-las sob a perspectiva da sociologia compreensiva, buscando delinear tipos-ideais balizados nos sentidos intentados pelos atores sociais que praticam ações de produção, difusão e fruição cultural. No artigo **O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO** a autora ALDA FÁTIMA DE SOUZA trata da associação dos diversos e atuais estudos sobre a emissão vocal, que nos permite direcionar nossa voz para a fala ou o canto, com a pesquisa de doutorado em andamento “Reprises Circenses: as bases fundantes e históricas evidentes nos circos brasileiros”. No artigo **O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO**, os autores Amanda Souza Ávila Lobo Auterives Maciel Jr. Milene de Cássia Silveira Gusmão buscam pontuar como o cinema marginal traz um pensamento nômade de máquina de guerra, na medida em que se utiliza de signos que fogem ou que fazem fugir o império dos modelos maiores, entrando em relação com outros domínios moleculares de sensibilidade que transgridem ou propõem transvalorar os valores. No artigo **TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**, os autores Liana Barcelos Porto e Adival José Reinert Junior buscam compreender como o patrimônio cultural e religioso vem sendo trabalhado nas escolas da sede da rede municipal da Cidade de Canguçu RS (Canguçu tem 33 escolas municipais, 6 localizadas na cidade e 27 no interior do município). **TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL**, os autores Allan Hoffmann, Nadja de Carvalho Lamas, Euler Renato Westphal buscam discutir sobre o campo do Patrimônio, principalmente nas categorias de patrimônio cultural, aplicados em um experimento educacional e instalação de Arte&Ciência Trilha da Vida presente na paisagem cultural do bairro da Limeira em Camboriú/SC. No artigo **ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”**, a autora Natacha Muriel López Gallucci, busca discutir e teorizar aspectos éticos da investigação audiovisual na fronteira entre o filme documentário e o denominado “ensaio fílmico” tomando como objeto de reflexão o processo de pesquisa empírica, registro imagético, edição e exibição do curta-metragem Filosofias do corpo no Cariri cearense (2018). No artigo **Cultura, Resistencia e Diferenciação Social**, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Heitor Messias Reimão de Melo, Paulo Rennes Marçal Ribeiro,

buscam analisar na obra Freud, em O mal-estar da civilização, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMUNIDADE DOS ARTUROS: EXISTIR, RESISTIR, SOBREVIVIR	
<i>Elenice Martins Barros Castro</i>	
<i>Edilene Dias Matos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928031	
CAPÍTULO 2	12
A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ	
<i>Francisca Thamires Lima de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928032	
CAPÍTULO 3	26
ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO	
<i>Élida Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928033	
CAPÍTULO 4	34
AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL	
<i>Liliane da Silva Santos</i>	
<i>Diogo Francisco Cruz Monteiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928034	
CAPÍTULO 5	48
BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELÉM	
<i>Valcir Bispo Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928035	
CAPÍTULO 6	66
CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS	
<i>Aurionelia Reis Baldez</i>	
<i>Joice de Oliveira Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928036	
CAPÍTULO 7	75
CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS	
<i>Juliano Batista dos Santos</i>	
<i>Jordan Antonio de Souza</i>	
<i>José Serafim Bertoloto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928037	

CAPÍTULO 8	91
DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA	
<i>João Luiz Pereira Domingues</i> <i>Leandro de Paula Santos</i> <i>Mariana de Oliveira Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928038	
CAPÍTULO 9	106
DO EXCESSO DE IMAGENS AO Esvaziamento da mente	
<i>Sophia Mídián Bagues dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928039	
CAPÍTULO 10	115
MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR	
<i>Miguel Bonumá Brunet</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280310	
CAPÍTULO 11	130
O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO	
<i>Alda Fátima de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280311	
CAPÍTULO 12	138
O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO	
<i>Amanda Souza Ávila Lobo</i> <i>Auterives Maciel Jr</i> <i>Milene de Cássia Silveira Gusmão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280312	
CAPÍTULO 13	148
TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	
<i>Liana Barcelos Porto</i> <i>Adival José Reinert Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280313	
CAPÍTULO 14	155
TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL	
<i>Allan Hoffmann</i> <i>Nadja de Carvalho Lamas</i> <i>Euler Renato Westphal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280314	
CAPÍTULO 15	166
ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”	
<i>Natacha Muriel López Gallucci</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280315	

CAPÍTULO 16 183

UMA PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA: RESISTÊNCIA E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.03619280316

SOBRE A ORGANIZADORA..... 194

UMA PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA: RESISTÊNCIA E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Heitor Messias Reimão de Melo
Paulo Rennes Marçal Ribeiro

RESUMO: A Análise de Discurso francesa, pensada e, primeiramente, teorizada por Michael Pêcheux, possibilita tanto ao analista, quanto ao professor e ao aluno, inúmeras leituras acerca de uma temática. Pautados nesse viés, este artigo apresenta uma proposta de leitura discursiva sobre o Dia Internacional da Menina. O Dia Internacional da Menina, que é comemorado no dia 11 de outubro, espalhou-se na rede social *Facebook* por meio de uma imagem comemorativa que retratava essa data. No entanto, essa data não é de conhecimento geral, assim como o dia das crianças que é comemorado um dia depois, o que nos interessou em utilizar essa imagem como objeto da nossa proposta. Para esse trabalho, temos como objetivo em instigar nesse sujeito-leitor um posicionamento perante as práticas discursivas sociais, auxiliando-o nas mais diversas maneiras de ler um objeto.

PALAVRAS-CHAVE: Proposta Discursiva; Sujeito-leitor; Análise de Discurso; Dia Internacional da Menina.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Historicamente, a menina sempre foi enxergada como um sujeito frágil e, por vezes, pré-determinado. A Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 2012, defendeu que a menina se enquadra “nos grupos mais excluídos e discriminados” (ONU, 2012) e, por isso, o dia 11 de outubro se tornou o Dia Internacional da Menina. Essa atitude da ONU (2012), portanto, coloca em visibilidade as condições precárias em que inúmeras meninas vivem e, também, as precauções que não estão sendo tomadas, uma vez que “reconhece a necessidade de se ampliar as estratégias para eliminar as desigualdades de gênero em todo o mundo” (2012).

Esse artigo tem como campo temático o Dia Internacional da Menina. Justifica-se em empoderar-se de um assunto social que está em visibilidade, produzindo resistência, como a imagem que circulou na rede *Facebook*, e criar uma proposta de leitura crítica e autônoma.

Entendemos que a autonomia interpretativa do sujeito-leitor é uma necessidade na prática discursiva, por isso essa proposta é pensada em alunos do 2º ano do Ensino Médio, com o objetivo de instigar nesse sujeito-leitor um posicionamento perante as práticas discursivas sociais, auxiliando-o nas mais diversas

maneiras de ler um objeto.

No nosso caso, o objeto de leitura é uma imagem acerca do Dia Internacional da Menina, que circulou no dia 11 de outubro do ano de 2016, na rede social *Facebook*. Sendo assim, após o corpus delimitado, o próprio recorte nos lança uma problemática para o trabalho: na rede social, qualquer sujeito está autorizado a publicar e discursivizar sobre qualquer assunto?

Por isso, o artigo se divide em 4 seções, sendo a primeira *Ensino de Leitura na perspectiva da Análise de Discurso*, que abordará algumas questões da teoria que foi considerada pertinente para a proposta de leitura, pressuposta da Análise de Discurso¹ francesa, doravante AD, postulado por Michael Pêcheux, e conceitos reflexionados da teoria sobre a leitura e o ensino.

Na segunda seção, *A imagem na leitura discursiva e circulação*, traremos a importância do discurso imagético para uma leitura discursiva, assim como autores que pontuam algumas definições importantes e a circulação da imagem na rede social.

Em *Proposta discursiva acerca do Dia Internacional da Menina*, a terceira seção, dará conta de apresentar a proposta de leitura discursiva, acerca da imagem na temática do Dia Internacional da Menina, que será proposta em dois momentos. O primeiro momento partirá de uma leitura na perspectiva das condições de produção de imediato, e o segundo momento, uma leitura advinda das condições de produção ampla.

Por fim, a última seção, uma vez que a AD não pensa em uma proposta fechada, nem um resultado único a nomeamos como *Efeitos de Fim*, trará as considerações finais da proposta, uma vez que a proposta não será aplicada, no entanto ela parte do objetivo de criar um leitor mais crítico em suas leituras.

ENSINO DE LEITURA NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE DISCURSO

Ao tratar de Ensino de Leitura numa perspectiva da Análise de Discurso francesa, o professor pode desenvolver no aluno (sujeito-leitor) a capacidade de identificar diferentes vozes que falam em um mesmo texto, seja ele verbal ou não verbal. Sobre isso Orlandi (2012, p. 50) afirma que:

A relação do aluno com o universo simbólico não se dá apenas por uma via - a verbal -, ele opera com todas as formas de linguagem não apenas como transmissão de informação, mas como mediadora (transformadora) entre o homem e sua realidade natural e social, a leitura deve ser considerada no seu aspecto mais consequente, que não é o de mera decodificação, mas o da compreensão.

De acordo com Orlandi (2012), quando o sujeito-leitor no momento em que tem contato com a leitura do texto e o interpreta, assume um papel de leitor-autor, uma vez que seus contextos históricos sociais e ideológicos atravessam sua leitura, ajudando-o

¹ Optamos por utilizar Análise de Discurso, com a preposição DE, pois é uma nomenclatura utilizada/traduzida por Orlandi (2010a)

na interpretação do texto.

Ela destaca, nesse caso, a relação geral com a ideologia (que é um estudo calcado da tese de Althusser (1985) resgatada por Pêcheux em inúmeras obras de sua teoria) que dá a leitura, num conceito mais amplo, a atribuição de sentidos. O sujeito-leitor terá, assim, na esteira de Orlandi (2010a), sua identidade de leitura configurada pelo seu lugar social e é em relação a esse “seu” lugar que se define a “sua” leitura. Orlandi (2012, p. 106) afirma que “o sujeito-leitor do século XIII, o do século XVII e o de hoje são diferentes”, uma que suas interpelações ideológicas são diferentes.

Desse modo, o termo “leitura”, então, pode ser compreendido para a Análise de Discurso como atribuição de sentidos. Orlandi (2012, p. 14) reitera que:

A atribuição de sentidos a um texto pode variar amplamente desde o que denominamos leitura parafrástica, que se caracteriza pelo reconhecimento (reprodução) de um sentido que se supõe ser o do texto (dado pelo autor), e o que denominamos leitura polissêmica, que se define pela atribuição de múltiplos sentidos ao texto.

Para alguns esclarecimentos, a leitura parafrástica se constitui por meio de repetição de saberes, na (re)produção do conteúdo do texto, como se existisse um único sentido a ser atribuído. Desse modo, a leitura, logo a interpretação, faz-se como se o texto reprimisse um único significado, sendo obrigação do sujeito-leitor ler e detectar esse sentido. Levando para uma aula de leitura discursiva e interpretação, Coracini (2010, p. 19) aborda:

Quando se faz o que se chama de entendimento do texto, o professor procede às perguntas de compreensão que ou se resumem a questões como “o que o autor quis dizer?”, “quais são as ideias principais do texto?”, ou se limitam a exigir, quase sempre, da parte dos alunos o mero reconhecimento ou localização no texto da resposta “correta”.

Esse conceito reduz o aluno a um simples detector do sentido, pois há um sentido pré-estabilizado, pois, quando se trabalha no nível da paráfrase, não abrindo, assim, espaço para reflexão do aluno como sujeito-leitor. No entanto, pelo método da leitura polissêmica, já citado por Orlandi (2012), tem-se por meio de um deslocamento de sentidos, ou seja, um determinado texto proporciona vários sentidos possíveis, e cabe ao leitor, sob determinadas condições de produção, atribuir esses sentidos.

Ao propor ao aluno uma leitura discursiva polissêmica, o sujeito-leitor não buscará um único sentido, ou o que o autor de determinado texto quis dizer, mas atribuirá diversos sentidos ao texto, que, por serem alunos distintos e com contextos sociais/ideológicos opostos, como aborda Orlandi (2010a), os sentidos dos textos não serão iguais entre os alunos, pois cada um interpretará pela condição que lhe determina.

Assim, por meio do conceito polissêmico para um processo de leitura, com uso da teoria da Análise de Discurso, o que se desloca do processo de leitura dos Parâmetros Curricular Nacional (PCNs), de Língua Portuguesa. O PCNs, embora converse com o

que Orlandi (2010a) diz sobre as condições de produção do enunciado, num primeiro momento, ao apresentar as condições de produção do contexto histórico, ele restringe a uma leitura discursiva polissêmica, uma que limitará as interpretações iniciais do sujeito-leitor. A seguir um recorte do PCNs:

A Leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significados do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o leitor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita: decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que consegue analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência (PCN's LP, 1998, p. 69).

No entanto, Coracini (2005) defende que o processo de leitura não deve ser limitado à decodificação ou às estratégias por parte do leitor, como defendem os PCNs nos processos de leitura, respectivamente. A autora defende que:

Ainda que o texto siga convenções, se organize de uma forma predeterminada, pretenda ser uma bula com indicações precisas para seu uso; ainda que pretenda indicar o caminho a trilhar para, ilusoriamente, nos conduzir ao porto tranquilo e seguro das idéias do autor, passemos por esse verdadeiro “sistema de endereçamento” (indicações do autor, tipo de texto, diagramação, estilo) e tomamos caminhos transversais, perscrutando atalhos, por vezes interditados; estabelecemos redes secretas, por vezes clandestinas; rompemos a linearidade do texto, transgredindo-o, desfazendo-o e refazendo-o e nele nos inserimos, nele mergulhamos e nos envolvemos para produzir sempre, a cada olhar, a cada escuta, uma nova leitura e, portanto, um novo texto (CORACINI, p.24).

A IMAGEM NA LEITURA DISCURSIVA E CIRCULAÇÃO

Por se tratar de uma leitura discursiva da imagem, é preciso abordar a respeito deste tipo de discurso em específico, o imagético. Para tanto, trataremos algumas considerações acerca da imagem.

Postulados pela Análise de Discurso francesa, Davallon (1999) encara a imagem sob um prisma particular, que leva em consideração a sua eficácia simbólica. Segundo o autor, aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de sentidos, a qual não lhe é transmitida ou entregue pronta. Davallon (1999), afirma que:

Uma certa imagem concreta é uma produção cultural – quer dizer, a levar em consideração sua eficácia simbólica. Com efeito, aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue toda pronta. Esse estado de coisas abre, como aliás insistem em nos fazer observar, a uma liberdade de interpretação (o que quer dizer que o conteúdo “legível”, ou antes “dizível”, pode variar conforme as leituras) (p.28).

O imagético, conforme Aumont (1993), é uma maneira aberta de interpretação e determinada historicamente, ou seja, o imagético possibilita muitas leituras sobre si. Para Pêcheux (1997), a imagem é sempre uma “produção” do/de sujeito, uma vez que o que significa para um sujeito-leitor pode ou não significar o mesmo para outro sujeito-leitor. Tanto Aumont (1993), quanto Pêcheux (1997) destacam a pluralidade da leitura discursiva imagética, relacionando com conceito de polissemia de Orlandi (2012).

Por outro lado, de acordo com Neckel (2012), não é possível falar na espetação da imagem, pensando apenas em um nível perceptivo, pois a leitura de imagem traz consigo a questão da interpretação. Para Orlandi (2007), somos condenados a significar, a interpretar, uma vez que, ao significar, o sujeito significa.

Dessa forma, a imagem utilizada para a proposta circulou pela rede *Facebook* poderia ser compartilhada, sendo que, ao compartilhar a imagem, a rede o “autorizava” a escrever alguma “legenda” sobre a foto e/ou dava a opção de adicionar um “tema” à sua foto (perfil), para todos os sujeitos que acessarem suas contas na rede. Dar-se-á, com isso, um efeito de enunciados logicamente estabilizados que, segundo Pêcheux (1990), consiste no evento histórico do surgimento do enunciado.

Por meio da noção que o autor apresenta sobre o logicamente estabilizado, entende-se que para Davallon (1999), a publicidade utiliza a imagem em complementaridade com o enunciado linguístico para tornar presentes às qualidades de um produto e conduzir, assim, o sujeito-leitor a se recordar de suas qualidades, mas também a fazê-lo se posicionar em meio ao grupo social dos consumidores desse produto, a se situar e a se representar nesse lugar.

O interesse em buscar uma imagem que tenha circulado pela rede *Facebook*, parte da alusão de Orlandi (2005), em que os sujeitos “têm o direito” em dizer tudo, assim, de publicar, compartilhar e pôr-se a visibilidade, assim, resistindo.

No entanto a imagem era sugerida apenas no primeiro acesso a sua conta, e representa um fato ocorrido e que, parafraseando Davallon (1999), é um acontecimento singular no tempo, sendo que uma vez ignorada, ela não se encontrava mais no início do *feed de notícias*. A seguir a imagem:



Figura 1- Imagem vinculada no Facebook dia 11 de outubro de 2016

PROPOSTA DISCURSIVA ACERCA DO DIA INTERNACIONAL DA MENINA

Retomando o que já foi citado na seção à cima, a justificativa em buscar uma imagem² que circulou pela rede Facebook, se dá ao fato de que nos dias de hoje a rede se tornou um veículo em que os sujeitos possuem a “alusão” de serem sujeitos “livres” e que podem discursivizar sobre qualquer assunto.

Na proposta, inicialmente, será apresentado às condições de produção imediata das circunstâncias enunciativas, o aqui e o agora, assim definido por Orlandi (2010b), pois partirá de uma imagem que circulou no Facebook, no dia 11 de outubro de 2016, acerca do Dia Internacional da Menina.

Optamos em apresentar as condições de circulação da imagem, porque no próprio texto não verbal consta o símbolo da rede social, dessa forma, não poderíamos desassociar a relação de imagem e circulação. Entendemos, também, que ao apresentar as condições de produção de imediato não estamos “fechando” a interpretação do aluno, uma vez que não apresentaremos as condições de produção ampla da imagem.

Assim, calcados, em que Hashiguti (2009), entendemos que os conceitos e os caminhos orientados pela Análise de Discurso (AD) francesa possibilitam ao sujeito-leitor e aluno, uma interpretação mais ampla, mais crítica e mais “livre” da imagem.

Dessa forma, é importante destacar que mesmo que o sujeito-leitor seja

² Como é sabido, a AD possibilita diversas entradas em um único material, cada entrada condiz a uma maneira diferente de analisar/utilizar o *corpus*. Para este trabalho, decidimos formular uma (possível) leitura da imagem, pensada para a sala de aula, não uma análise da imagem, uma vez que, se ao formularmos uma proposta e também uma análise, estaremos fechando a interpretação da mesma.

socialmente reconhecido como leitor, a AD possibilita a ele, naquilo que Orlandi (2010a) destaca como relações imaginárias, o sujeito-leitor, pré-determinado, assumir uma posição sujeito de sujeito-autor. Lagazzi (2006, p. 93) explica essa posição sujeito-autor, pois o sujeito-autor se coloca na origem de seu dizer e no “fazer do dizer algo imaginariamente seu, com começo, meio e fim, que seja considerado original e relevante, que tenha clareza e unidade”.

Turma: Segundo ano do Ensino Médio;

Objetivo: promover uma leitura mais ampla e livre para formação de sujeitos-leitores mais críticos acerca de manifestações em rede, por conta das transformações que o advento da tecnologia da informação promoveu no alunado e, conseqüentemente, na escola. Segue o primeiro momento da proposta;

Leitura às cegas

- 1) A introdução e contextualização do assunto “manifestações em rede” será feita verbalmente num levante de informações sobre a relação dos alunos com o assunto, ao mesmo tempo em que dar-se-ão as primeiras reflexões. Algumas questões relevantes a serem abordadas oralmente: Manifestar-se em rede é uma prática que você faz com que frequência?
- 2) Pensando de maneira geral, quais os assuntos mais te chamam a manifestar-se em rede? Você já se manifestou a favor ou contra alguma campanha social promovida pelo site *Facebook*?
- 3) É de conhecimento de vocês a existência do Dia Internacional da Menina? Pensando na maneira como as sociedades se formam, se organizam é relevante/importante termos um Dia da Menina?
- 4) A imagem é apresentada aos alunos e alguns minutos são disponibilizados para o primeiro contato de leitura da classe;
- 5) Após apresentação da imagem, mais algumas questões relevantes: essa campanha faria você manifestar-se em rede? Qualquer pessoa poderia manifestar-se sobre tal texto?
- 6) Neste momento da aula, o primeiro gesto de leitura escrita se procederá com as seguintes questões:
 - a) As imagens são textos que produzem sentidos, suscitam lembranças, refletem nossas vivências. Observe a imagem por alguns segundos e responda: quais sentidos ela produz em você?
 - b) A imagem é composta por indivíduos/pessoas, esses indivíduos são representações de sujeitos reais que compõem nossa sociedade e nela possuem seu lugar. Que sujeitos são esses? Qual seu lugar em nossa sociedade?
 - c) Como a imagem representa esses sujeitos? Como seus corpos, expressões, posições corporais são representadas?
 - d) Observe os rostos dessas meninas, como os rostos são representados? No que isso implica?
 - e) O que a cor amarela representa para você?

Logo após a conclusão da primeira realização de leitura, a proposta trará as condições de produção ampla, histórica e social, postulado em Orlandi (2010b).

Segundo o *site* das Organizações das Nações Unidas no Brasil (ONU), o Dia Internacional da Menina foi comemorado pela primeira vez no dia 11 de outubro de 2012, desde então a data vem sendo lembrada e comemorada. De acordo com a página:

O Dia Internacional das Meninas, celebrado pelas Nações Unidas pela primeira vez neste dia 11 de outubro, marca os progressos realizados na promoção dos direitos das meninas e mulheres adolescentes e reconhece a necessidade de se ampliar as estratégias para eliminar as desigualdades de gênero em todo o mundo (ONU, 2012).

A data comemorativa, no entanto, não é de conhecimento de boa parte dos sujeitos e Pêcheux (1997), esclarece que por meio das posições ideológicas que ONU ocupa, “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (p. 160), um discurso social feminista³, o que o torna autorizado a discursivizar sobre esses assuntos, uma vez que a ONU é conhecida por trabalhos antropológicos.

Ainda, segundo o *site*, a preocupação, a criação dessa data, que ironicamente antecede o dia das crianças (12 de outubro), se fez e faz importante pelas condições que muitas meninas e adolescentes do mundo, “especialmente aquelas que vivem em situação de extrema pobreza ou estão sujeitas à discriminação de gênero e a outros tipos de violência” (ONU, 2012).

A ONU ainda fala sobre a gravidez na adolescência, que, “segundo o Ministério da Saúde, em 2004 a taxa era de 8,6 por grupo de mil nascidos vivos, tendo passado para 9,6 por mil nascidos vivos em 2009” (ONU, 2012). Ainda, a menina de 12 a 17 anos ocupa 2% da estatística da responsabilidade por um domicílio e são “as meninas e adolescentes as maiores vítimas de violência e exploração sexual (ONU, 2012).

Também sobre a gravidez, a página destaca que a maternidade se torna a única opção de vida para as adolescentes, e torna-se uma sequência de “reprodução de padrões de exclusão e manutenção da pobreza, representando grave ameaça ao desenvolvimento pleno e à realização dos direitos dessas meninas e adolescentes, como educação e saúde” (ONU, 2012).

Segundo Orlandi (2010a), as reproduções pré-estabelecidas, ou seja, a posição sujeito determinada de que a menina/adolescente deva assumir uma posição determinada socialmente, é uma reprodução histórica e simbólica. Por esses motivos, a ONU (2012) se manifestou acerca da menina, da posição menina, do sujeito menina e das suas condições, e defende que:

Os contextos de vulnerabilidade aqui descritos afetam desproporcionalmente as meninas adolescentes e perpetuam um ciclo de iniquidades, pobreza e violência. Por isso, as agências das Nações Unidas recomendam aos governos a adoção

3 Referenciamos nesse artigo o Dia Internacional da Menina enquanto um discurso social feminista, pois trata de marcas discursivas sobre a menina, as condições do gênero, entre outros aspectos.

de medidas urgentes, decisivas e orquestradas para garantir que cada menina tenha o direito de viver plenamente sua adolescência e desenvolver todo o seu potencial. Ou seja, um presente e um futuro com direitos e equidade, sem violência e discriminação.

Tendo em vista, que as condições amplas foram apresentadas, retoma-se à proposta para aplicar o segundo momento da proposta discursiva:

Após a contextualização do por que da circula da imagem acerca do Dia Internacional da Menina, responda:

- 7) As condições amplas acerca do Dia Internacional da Menina serão expostas aos alunos. A fonte de dados e informações serão os textos da ONU supracitados. Então, procederá um segundo momento de produção de leitura discursiva tendo como suporte as seguintes questões:
 - a) Considere as condições em que foi criado o Dia Internacional da menina, observe novamente a imagem. Quais sentidos ela produz para você agora?
 - b) A imagem é composta pelo sujeito menina que representa meninas reais que compõem as diferentes sociedades, que ocupam os mais diferentes lugares sociais (além de meninas, algumas são mães, por exemplo). Diante disso, qual a importância da existência de tal data?
 - c) Na maneira como a imagem representou esses sujeitos (nos traços do desenho, nas roupas, nos corpos), você se identifica com alguma dessas meninas?
 - d) O apagamento dos rostos suscita alguns sentidos. Considere o que foi discutido em sala sobre o Dia Internacional da Menina e responda: o que esse apagamento do rosto representa?
 - e) Sendo a imagem um discurso, quais sentidos podem assumir a cor amarela nesse texto?
 - f) A imagem traz uma descrição, nela está o seguinte enunciado: “Para todas as meninas ao redor do mundo”. Discursivamente, esse enunciado cria que efeito de sentido?
 - g) A parte verbal que compõe o texto faz um convite. Que convite é esse?
 - h) Você considera importante manifestar-se em rede sobre o que representa o Dia Internacional da Menina? Por quê?
 - i) Você se manifestaria no seu perfil, adicionando tal tema, como proposto na imagem, se não soubesse da motivação da data comemorativa?
 - j) Agora, sabendo de tal contexto, você se manifestaria em rede adicionando tal tema em seu perfil? Por quê?
 - k) Pense, agora, nas implicações de nos manifestarmos em rede. Muitas vezes, os discursos que manifestamos em nossos perfis, além de nos identificar, podem ajudar a conscientizar sobre inúmeras causas sociais. Comente sobre tal tema: as implicações de nos manifestarmos em rede.
 - l) Em sua opinião, o site *Facebook* fez bem o papel de promoção social e conscientização das condições de existência da menina ao redor do mundo?

EFEITOS DE FIM

Elencados no nosso objetivo e em nossa justificativa, essa proposta de leitura discursiva de um imagético possibilita mais de uma leitura, tanto em um contexto geral

de sala de aula, quanto ao sujeito-leitor específico. Essa proposta, realizada na esteira da teoria da Análise de Discurso francesa é extremamente importante por dialogar com a justificativa da proposta, que é empoderar-se de um assunto social que está em visibilidade, como a imagem que circulou na rede *Facebook*, e criar uma proposta de leitura crítica e autônoma.

Calcados no objetivo que é o de instigar nesse sujeito-leitor um posicionamento perante as práticas discursivas sociais, auxiliando-o nas mais diversas maneiras de ler um objeto, nosso artigo trouxe uma proposta que, ao se dividir em dois momentos, possibilita uma leitura mais séria e não fecha a interpretação do sujeito-leitor.

Assim como já citado, Hashiguti (2009) defende que a Análise de Discurso abre a mente do sujeito-aluno à interpretação, saindo das “bolhas” sociais que os interpelam, fazendo-os enxergar a uma imagem criticamente. Em consonância como o que defende a autora, Orlandi (2012), pontua que a polissemia é primordial para uma leitura discursiva, uma vez que ao possibilitar à um sujeito-leitor um vasto campo de leitura, logo interpretação, esse sujeito passa a perceber outros sentidos que outrora o eram “roubados”.

Quando pensamos em sentidos “roubados”, estamos abordando o fechamento interpretativo do sujeito-aluno. Dessa forma, nossa proposta foi criada com dois momentos de leitura, sendo o primeiro momento “a leitura às cegas”, esse título metafórico foi recorrido ao pensarmos numa leitura “neutra”, no qual apresentamos apenas o veículo de circulação da imagem, que é as condições de produção de imediato. Sendo assim, o segundo momento partirá de uma contextualização das condições amplas da imagem, que, na nossa proposta, é uma imagem de comemoração do Dia Internacional da Menina. Para auxiliar na realização da proposta, utilizar o texto da ONU (2012), que traz a explicativa da data, possibilitará ao sujeito-aluno uma interpretação mais direcionada.

Feito isso, o professor – que segundo Lagazzi (2006), é o responsável em criar condições para que as práticas de leitura reflitam num sujeito-leitor interpretativo posicionado também enquanto um sujeito-autor, e não usando mecanismos repetitivos de interpretação, notará que as leituras foram amplas – perceberá o que Orlandi (2012), denomina como efeito de liberdade, isto é, o efeito que a leitura discursiva polissêmica possui em tornar o aluno em sujeito-leitor crítico.

Nessa noção, de acordo com nossa proposta, o sujeito-leitor, ao se deparar com assuntos sociais, com discursos de visibilizações de redes, entenderá (mesmo que inconscientemente) que “ler significa saber que tanto o sentido pode ser outro, quanto o sujeito não tem controle pleno dos sentidos. É entender que a linguagem serve para comunicar e para não comunicar” (ORLANDI, 2012, p. 21).

REFERÊNCIAS

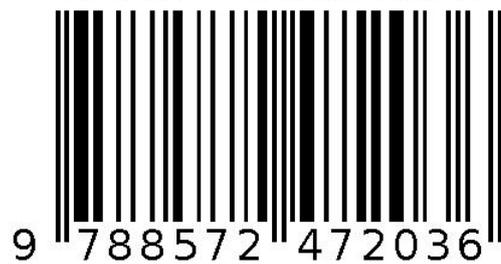
- AUMONT, J. **A imagem**. Trad. de Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. Campinas: Papyrus, 1993.
- CORACINI, M. J. R. F. **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. 2 ed., Campinas, SP: Pontes, 2002.
- _____. **Concepções de leitura na (pós) modernidade**. In: PASCHOAL LIMA, R. (org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: São João de Boa Vista, p. 15-44, 2005.
- DAVALLON, Jean. **A imagem, uma arte de memória?** In: ACHARD, Pierre et al. *O papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- FACEBOOK. Central de ajuda. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/?helpref=hc_global_nav> Acesso em 11. Out. 2016
- HASHIGUTI, Simone T. Nas teias da leitura. In: BOLOGNINI, Carmen Zink; PFEIFFER, Claudia; LAGAZZI, Susy (orgs.). **Discurso e Ensino: Práticas de Linguagem na Escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. p. 19-30.
- LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy Maria. Texto e Autoria. In: Orlandi, Eni; Lagazzi- Rodrigues, Suzy Maria (Org.). **Discurso e textualidade**. 1 ed. Campinas: Pontes, 2006, p. 81-104
- NECKEL, Nádia Régia Maffi. Imagem (em) diz cursos... In: FARIAS, Deise S. Eloy de; FLORES, Giovanna B.; NECKEL, Nádia R. Maffi (Orgs.). **Discurso, cultura e mídias: registros e discussões**. Tubarão: Editora Unisul, 2012, p. 109-135.
- ONU. **ONU celebra Dia Internacional das Meninas**. 2012. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/onu-celebra-dia-internacional-das-meninas/>> Acesso em 11 de Out. 2016.
- ORLANDI, E. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação de Sentidos**. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- _____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2010a.
- _____. **Introdução às ciências da Linguagem – Discurso e Textualidade / Suzi Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs) – Pontes, 2010b – 2ª Ed: Campinas, SP.**
- _____. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2012.
- PÊCHEUX. M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Orlandi. Campinas, SP. Ponte, 1990.
- _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raci

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-203-6



9 788572 472036